A IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM DE UMA SEGUNDA LÍNGUA DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL

KAREN RIBEIRO DOS SANTOS GOULART

RESUMO
A globalização tem promovido uma maior integração econômica, social, cultural e política entre os países, tornando o domínio de uma segunda língua uma necessidade em um mundo cada vez mais interconectado. Esse cenário reflete-se na educação, com a crescente demanda por programas de educação bilíngue e o aumento do número de escolas que oferecem o aprendizado de duas línguas para atender a essa necessidade. Diante desse contexto, o objetivo geral desta pesquisa é investigar as contribuições da educação infantil bilíngue para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Os objetivos específicos incluem compreender o processo de ensino e aprendizagem na educação bilíngue e suas implicações no desenvolvimento cognitivo dos alunos, bem como observar o impacto da educação infantil bilíngue no desenvolvimento cognitivo das crianças. A formulação do problema de pesquisa se baseia na seguinte questão: quais são as contribuições do aprendizado de uma segunda língua em uma abordagem bilíngue, a partir da educação infantil, para o desenvolvimento cognitivo da criança? A importância desta pesquisa sobre educação bilíngue reside na necessidade de refletir sobre estudos e pesquisas relacionados à aquisição de uma segunda língua, buscando gerar conhecimento científico sobre esse tema no âmbito da Pedagogia. Essas reflexões visam não apenas aprofundar a compreensão do processo de ensino e aprendizagem na educação bilíngue, mas também contribuir para aprimorar esse processo educacional de forma mais ampla.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizado; Educação Bilíngue; Globalização.

INTRODUÇÃO

A maioria das sociedades é bilíngue ou multilíngue, pois muitas delas usam dois ou mais idiomas em determinadas situações. É comum que essas línguas não tenham o mesmo status ou cumpram as mesmas funções, o que implica uma diferença de prestígio social ao aprendê-las.

É difícil definir o conceito de bilinguismo com precisão, porque ele está diretamente ligado a papéis sociais complexos. Por esse motivo, não é conveniente idealizar o conceito, pois existem grandes diferenças entre falantes nativos de um mesmo idioma. Tal situação torna improvável que o grau de perfeição que um aluno de uma segunda língua deve atingir para ser chamado de bilíngue possa ser definido com precisão. Portanto, em relação ao bilinguismo, é preferível não lidar com termos opostos e sim referir-se a nuances, graus ou níveis, decisão que dependerá das funções desempenhadas diariamente por pessoas com ambas as línguas.

Há uma grande variedade de conceitos, opiniões e formas de conceber o bilinguismo, a ponto de alguns deles se oporem. Isso ocorre porque o bilíngue fala parte de um idioma e outro que raramente coincidem, portanto, é difícil comparar as competências de um idioma com as do outro, especialmente se forem usadas em contextos diferentes e servirem a funções diferentes. É importante notar que o bilinguismo perfeito é quase impossível, pois quem domina duas línguas sempre terá maior habilidade, destreza, vocabulário ou preferência por uma delas. Além disso, deve-se considerar a idade em que uma segunda língua é aprendida; por exemplo, é completamente diferente aprendê-la quando criança ou como adulto: o segundo caso envolve uma decisão pessoal ou, em outras palavras, uma certa motivação para aprendê-la. Esse aspecto tem impacto no progresso feito pelo aprendiz e é até possível que, dependendo de suas expectativas, ele atinja as metas e objetivos propostos.

A variedade no grau de aquisição de uma segunda língua também depende de uma série de variáveis sociolinguísticas e contextuais educacionais. Dentre estes, apontam como prioridades: a) contextos naturais, ou seja, os de interação comunicativa entre o aprendiz e os falantes da segunda língua e b) contextos formais, nos quais a instrução

programada é oferecida em tempo, conteúdo e estratégias sobre a língua a ser aprendida.
Ambos os processos também envolvem características individuais, dificultando a decisão sobre o contexto ideal para o aprendizado de uma segunda língua. Aparentemente, a ideia de vincular os dois tipos de contextos de tal forma que haja a possibilidade de receber instrução e ter interação comunicativa por meio da imersão com falantes naturais da língua-alvo é mais lógica.

OS PRIMEIROS ANOS NA VIDA DA CRIANÇA
Durante os primeiros seis anos da existência infantil, também referidos como a etapa inicial, ocorre um intenso progresso, caracterizado por uma vasta aquisição de conhecimento, nos quais, de acordo com Santos, Porto e Lerner (2014), são estabelecidas 700 novas conexões sinápticas a cada segundo. É nessa fase que a maior parte das conexões neurais é formada no cérebro. Conforme Santos (s.d., p.2), aproximadamente até o término do primeiro trimestre do período embrionário, o embrião já possui cerca de 80% dos neurônios que terá ao longo de sua vida, os quais ainda precisarão passar pelo processo de amadurecimento neural. Os processos mentais, assim como os sentidos, a interação social e emocional, são elementos integrantes desse desenvolvimento e são grandemente influenciados pelos estímulos recebidos.
O cérebro infantil opera incansavelmente, sendo duas vezes mais ativo do que o cérebro de um indivíduo adulto. Para sustentar essa intensa atividade, 75% da energia corporal é direcionada para o desenvolvimento neurológico. Durante esta fase, os neurônios estabelecem entre 700 a mil novas conexões por segundo. Os resultados desse processo são visíveis: até os 3 anos de idade, o cérebro atinge 87% de seu tamanho futuro (VIEIRA, 2016, n. p.).

Essa vigorosa atividade cerebral na fase inicial da vida, caracterizada pela rápida formação de novas sinapses, é responsável pelo aprimoramento das habilidades na criança, ou seja, a criança possui uma capacidade mais significativa de desenvolvimento se comparada a um adulto. Esse período, conhecido também como fase sensível, representa o ápice do desenvolvimento cerebral de um indivíduo.
Considerando a notável capacidade neural das crianças, é possível afirmar que o processo de aquisição linguística na infância inicial se torna mais eficaz, uma vez que suas funções cognitivas tendem a amadurecer com o tempo. Em adultos, conforme indicado por Sant'Ana (s.d.), o desenvolvimento cerebral por meio dos neurônios e das sinapses já não é tão ativo, o que torna o processo de aprendizagem mais desafiador. A autora também menciona que a aprendizagem é mais fluida em crianças devido à aceleração desse processo cerebral, destacando este período como o mais ativo em termos de formação sináptica, e alerta que o declínio começa na adolescência. É crucial ressaltar que estamos considerando crianças sem problemas genéticos, biológicos ou orgânicos, ou seja, crianças que estão plenamente engajadas em exercitar suas capacidades facultativas.
A maneira como as crianças adquirem a linguagem tem sido tema de estudo por diversos pesquisadores e cientistas. Segundo Silvestri (2013), a aquisição fonológica de uma criança está inicialmente relacionada aos primeiros cinco meses de vida, porém é por volta dos oito meses que o desenvolvimento linguístico se manifesta verdadeiramente; nessa fase, a criança já compreende o som e o significado das palavras. O autor menciona que:

De um ponto de vista formal, a linguagem é composta por diversos subtemas, que são objeto de estudo tanto em adultos quanto durante a aquisição da linguagem: o fonológico, o morfológico, o léxico, o sintático e o semântico. Até os 5 anos de idade, a criança já domina as estruturas linguísticas e o vocabulário básico que lhe permitem comunicar-se com facilidade. (SILVESTRI, 2013, p. 229).

De acordo com Ferreira Junior (2008), os estímulos recebidos pela criança são responsáveis por desencadear conexões sinápticas, contribuindo para a consolidação da aprendizagem e o fortalecimento dos meca-

nismos de memória, atenção e consciência. Dessa forma, o processo de repetição é um estímulo crucial para reforçar esses mecanismos. Além disso, o autor sugere que fatores neurobiológicos e contextuais podem influenciar nesse processo.
Ao examinarmos o desenvolvimento infantil, especialmente na primeira infância, torna-se evidente a importância do aprendizado nessa fase.
Conforme Lenneberg (1967), as competências linguísticas são mais facilmente assimiladas na infância, especialmente no que diz respeito à pronúncia. Embora não haja uma conclusão definitiva sobre essa hipótese, existem teorias e argumentos que devem ser debatidos e considerados no contexto linguístico-cognitivo, sob uma perspectiva da neurolinguística. É crucial ressaltar a relevância do conceito de tempo nessa hipótese, uma vez que ele desempenha um papel determinante nesse processo.

A noção de idade crítica refere-se a um período predefinido (e teleológico) para a aquisição da linguagem, um período que possui um início, meio e fim. Baseado primariamente na maturação cerebral, esse período passa por etapas específicas, as quais são definidas por padrões numéricos de idade cronológica (SANTANA, 2004, p. 344-345).

Portanto, a medição cronológica do tempo, onde anos, meses e dias podem ser traduzidos em fases, etapas e períodos, torna-se essencial na aquisição da linguagem, especialmente durante a infância. Segundo Santana (2004), as diferenças individuais no processo de aquisição da linguagem são reais e devem ser consideradas, uma vez que influenciam diretamente na aquisição da linguagem e dificultam a delimitação precisa do desenvolvimento infantil.
Essa concepção de tempo também reforça a ideia de que a idade impõe limitações. Barbizet e Duizabo (1985, aput SANTANA, 2004) argumentam que:

a maturação cerebral da criança, ocorrida logo após o nascimento, é insuficiente sem a estimulação proveniente do ambiente social. Apesar de ser uma hipótese, algo de fato altera o cérebro, permitindo novas configurações neurais quando há a intervenção de estímulos.

Mayberry (1992, aput SANTANA, 2004, p. 347) comprova a importância dos estímulos ao conduzir pesquisas e concluir que o desenvolvimento linguístico das crianças se deve à "abundância e riqueza do input, acessível e disponível para a criança ao longo de sua infância".
No contexto de uma segunda língua (L2), a relação entre idade crítica e aquisição dessa língua é principalmente centrada na pronúncia, sendo um argumento significativo nessa interação. A justificativa para esse argumento reside no fato de que a criança aprende sua língua materna de forma natural, por meio de estímulos e input recebidos no ambiente em que vive. Dessa forma, ela começa a ouvir e pronunciar antes mesmo de aprender a ler e escrever.

A LINGUAGEM E SUA IMPORTÂNCIA
Para compreender o bilinguismo, é essencial entender o desenvolvimento da linguagem, especialmente nos primeiros anos de vida, dado que a aquisição da linguagem nesse período é de extrema importância. O progresso adequado da linguagem durante esses anos iniciais é crucial para garantir um desenvolvimento infantil satisfatório em todos os aspectos da vida da criança.
A linguagem é um fenômeno social, cuja função primordial é facilitar a comunicação de modo geral, permitindo que o indivíduo se expresse e compreenda o mundo ao seu redor. A função comunicativa da linguagem está intrinsecamente ligada ao pensamento e, desse modo, viabiliza a interação social. Conforme Vygotsky (2010, p. 63) observa: "... a função primária da linguagem é comunicar, estabelecer relações sociais, influenciar tanto os adultos quanto as crianças ao redor".
Além de possibilitar a comunicação, a linguagem também desempenha o papel de troca de experiências, permitindo que o indivíduo adquira conhecimento, aprendizado e uma visão de mundo, elementos essenciais para um bom desenvolvimento. Segundo Vygotsky (2010), no que diz respeito à aprendi-

zagem e ao desenvolvimento, ambos estão interligados desde o primeiro dia de vida da criança. Esses processos são independentes, dinâmicos e contínuos. Nas palavras do autor:

"... a aprendizagem não é em si mesma desenvolvimento, mas uma organização correta da aprendizagem da criança leva ao desenvolvimento mental, ativando todo um conjunto de processos de desenvolvimento, e essa ativação não poderia ocorrer sem a aprendizagem. Portanto, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para o desenvolvimento dessas características humanas não naturais, mas historicamente formadas" (VYGOTSKY, 2010, p.115).

Existem várias teorias que abordam o processo de aquisição da linguagem. De acordo com Chomsky (1998, p. 20), "essas abordagens não são conflitantes, elas se complementam mutuamente". Cada uma dessas abordagens tem sua própria linha de estudo e objetivos específicos, a saber:

Diversas perspectivas têm sido observadas no aprendizado de uma língua, seja ela a língua materna ou uma língua estrangeira. As pesquisas linguísticas tendem a investigar os mecanismos genéticos para a aquisição da linguagem (chamados de 'Gramática Universal'). As teorias comportamentais argumentam que a associação, a repetição e a imitação são fatores que facilitam a aquisição da linguagem, e, portanto, concentram-se em observações que demonstrem a implementação desses fatores como forma de comprovar suas crenças. Por outro lado, as teorias cognitivistas destacam que a aquisição de esquemas, regras estruturais e significados são características que definem a aprendizagem de uma língua. (GALEFFI, 2003, p. 37).

Schütz (2007) afirma que "muitas teorias sobre a aprendizagem de línguas foram propostas, sempre diretamente influenciadas pelas ciências linguísticas e psicológicas".

AS CONTRIBUIÇÕES DO BILINGUISMO

O bilinguismo infantil é um tema que frequentemente gera dúvidas e preocupações entre pais e educadores devido à falta de conhecimento sobre o assunto e à suspeita de possíveis consequências negativas para as crianças que aprendem duas línguas na infância. No entanto, muitos pesquisadores têm se dedicado ao estudo da aquisição bilíngue, o que tem permitido uma compreensão mais aprofundada dos aspectos do desenvolvimento bilíngue. Alguns questionamentos comuns sobre a educação bilíngue na infância merecem destaque.

Quanto ao desenvolvimento da linguagem, uma dúvida frequente é se aprender duas línguas na infância pode resultar em atrasos. Genesee (2004) explica que, se as crianças forem expostas regularmente e de forma enriquecedora às duas línguas, elas tendem a apresentar progressos semelhantes, em termos de idade, aos das crianças monolíngues. O autor destaca que as diferenças individuais impactam a aquisição da linguagem, e a ocorrência de atrasos nem sempre indica um problema; na maioria dos casos, significa apenas que a criança levou um pouco mais de tempo.

Genesee (2004, p.127) enfatiza a importância de os pais e a escola proporcionarem uma exposição consistente às duas línguas e evitarem mudanças no ambiente linguístico da criança, pois essas alterações podem prejudicar o desenvolvimento da linguagem. Ele também esclarece que:

As crianças bilíngues forem expostas regularmente a ambas as línguas, elas adquirirão proficiência semelhante nos aspectos fonológicos e gramaticais. O bilinguismo deve ser um processo natural, no qual a criança desenvolve vocabulário em ambas as línguas, adequado às situações de comunicação reais e contextualizadas, para que saibam usar as palavras apropriadas em diferentes contextos de forma natural. (2004, p. 127)

Bialystok (2011) destaca que, quanto à proficiência geral em linguagem, crianças bilíngues frequentemente têm um vocabulário menor em cada idioma do que as monolíngues em seu próprio idioma. No entanto, Genesee (2004) argumenta que, ao conside-

rar o vocabulário que as crianças bilíngues dominam em ambas as línguas, elas geralmente conhecem um número semelhante de palavras ao das crianças monolíngues.
Em relação à compreensão da estrutura linguística, conhecida como consciência metalinguística, Bialystok (2011) afirma que as crianças bilíngues tendem a se sair melhor do que as monolíngues. No que diz respeito às habilidades de leitura e escrita, o bilinguismo, segundo a autora, é benéfico, pois promove um desenvolvimento linguístico mais rápido.
Outro ponto ressaltado por Bialystok (2011) é que, na resolução de problemas que exigem controle da atenção e seletividade, crianças bilíngues entre 4 e 8 anos têm vantagens significativas em comparação com as monolíngues. A autora destaca que essas influências não se limitam ao domínio linguístico, como seria de se esperar, mas também abrangem habilidades cognitivas não verbais.
De acordo com Hakuta & Pease-Alvarez (1992, APUT MARTINS, 2007), o bilinguismo também traz benefícios culturais, sociais e econômicos para os indivíduos bilíngues. Martins (2007) destaca que essa pode ser uma das razões pelas quais alunos bilíngues têm se destacado em testes de inteligência verbal, formulação de conceitos, pensamento global e resolução de problemas.
Martins (2007) afirma que a idade é um fator que influencia o bilinguismo, destacando que as crianças têm certas vantagens em relação aos adultos. Baker (1989, citado por Martins, 2007) explica que a aquisição de uma segunda língua é mais eficaz quando a criança é exposta a ela desde cedo, uma vez que as crianças possuem habilidades linguísticas mais flexíveis e os elementos fonéticos da primeira língua ainda não estão completamente estabelecidos. Nesse sentido, Martins (2007) ressalta que quando a criança aprende a segunda língua na infância, a pronúncia tende a ser mais próxima da nativa.
O estudo de Martins (2007) destaca que o ponto central na educação bilíngue reside em promover um currículo cultural e linguisticamente responsivo, integrando o aluno de forma natural no ambiente sonoro da segunda língua, sem desconsiderar os valores linguísticos e culturais da língua materna, a fim de enriquecer esses valores.
Ferronatto e Gomes (2008), fonoaudiólogas, ressaltam a importância de fornecer estimulação adequada, pois um ambiente com pouca estimulação ou excessiva proteção pode ser contraproducente e resultar em atrasos no desenvolvimento.
Em sua pesquisa, Ferronatto e Gomes (2008) descrevem a intervenção fonoaudiológica em um menino de 2 anos e 4 meses, exposto ao aprendizado de duas línguas simultaneamente, que foi encaminhado para terapia de fonoaudiologia devido à dificuldade de se comunicar verbalmente. Observou-se um atraso simples na linguagem, onde o menino utilizava gestos e movimentos para se comunicar, além de não compreender verbalmente o que lhe era comunicado em português. Após a terapia, ele progrediu para uma fala rudimentar e começou a produzir suas primeiras palavras com significado.
Um aspecto relevante é que o menino fazia parte de uma família alemã, era filho único, tímido, residia em uma área rural e passava seus dias sob os cuidados da avó e do tio, sem interação frequente com outras crianças.
Inicialmente, foi recomendado à família que o menino interagisse com outras crianças, mas essa sugestão não foi seguida. Como alternativa, a terapia foi conduzida em conjunto com uma menina que compreendia o português e falava alemão.
Ferronatto e Gomes (2008, p.98) destacam que:

os primeiros contatos com o menino foram desafiadores, mas após quatro meses ele começou a se interessar mais nas atividades propostas. Com o apoio da terapia fonoaudiológica baseada no sociointeracionismo, envolvendo atividades orais lúdicas e interativas, o paciente apresentou progressos significativos ao longo de 2 anos e 3 meses. Ele foi capaz de superar suas dificuldades e demonstrar um crescimento notável no uso da língua portuguesa, evidenciando a importância e eficácia da intervenção fonoaudiológica em crianças com atrasos no desenvolvimento da linguagem.

Ferronatto e Gomes (2008) destacam que o desenvolvimento da linguagem ocorre quando a criança domina três aspectos fundamentais: o pragmático, relacionado à intenção social da comunicação; o semântico, que abrange o conteúdo a ser comunicado; e o gramatical, que envolve aspectos como sintaxe e morfologia. A sintaxe refere-se às regras gramaticais, a morfologia diz respeito às unidades significativas da língua e a fonologia aos sons.

As fonoaudiólogas observaram que atrasos no desenvolvimento da linguagem podem ser resultado de um ambiente com pouca estimulação, estímulos inadequados, falta de apoio familiar, influências genéticas, entre outros fatores.

Além disso, a resistência da família em relação ao idioma português, devido ao valor simbólico do alemão como parte da sua identidade cultural e familiar, contribuiu para prolongar o tempo necessário para a terapia. A preservação do alemão como símbolo de origem e identidade familiar foi um aspecto que influenciou a dinâmica da terapia.

É importante ressaltar que diversos fatores podem influenciar o processo de aquisição de uma segunda língua, incluindo a postura e compreensão da família em relação ao segundo idioma. O envolvimento e apoio familiar desempenham um papel significativo no desenvolvimento da linguagem das crianças, especialmente em contextos bilíngues, onde a valorização e prática das duas línguas são essenciais para um progresso saudável e equilibrado no desenvolvimento linguístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capacidade de se comunicar verbalmente é fundamental para o desenvolvimento infantil, pois permite que a criança compartilhe ideias, expresse necessidades e desejos, participe de atividades colaborativas e manifeste suas emoções. Através da linguagem oral, a criança se integra e se insere socialmente, desenvolvendo habilidades essenciais para interagir com os outros. Além disso, a aquisição da linguagem proporciona acesso aos sistemas simbólicos e ao conhecimento compartilhado pela sociedade, permitindo que a criança compreenda e interprete o mundo ao seu redor.

A interação verbal é um marco importante no desenvolvimento da criança, pois contribui para sua construção como um sujeito socialmente competente e participativo. A linguagem atua como mediadora nas relações com o meio social e desempenha um papel fundamental na formação da individualidade de cada indivíduo. Ela também é responsável por transformar funções biológicas básicas, como reflexos, memória e vontade, em funções psicológicas superiores, tais como pensamento, memória avançada e atenção.

A linguagem desempenha um papel crucial ao mediar as interações da criança com o ambiente social, moldando e refletindo sua singularidade e identidade. Ela não apenas facilita a expressão individual, mas também possibilita a compreensão de normas, valores e crenças compartilhadas pela comunidade em que a criança está inserida.

Além disso, a linguagem oral é essencial para a transferência das funções básicas do ser humano em capacidades cognitivas mais complexas, como a capacidade de raciocínio, a resolução de problemas e o planejamento. Através da linguagem, a criança desenvolve habilidades fundamentais para a sua interação com o mundo, construindo as bases para o seu crescimento intelectual e emocional. Assim, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um instrumento fundamental para o desenvolvimento integral da criança e sua inserção na sociedade.

REFERÊNCIAS

BIALYSTOK, E. Aquisição do segundo idioma e bilinguismo na primeira infância e seu impacto sobre o desenvolvimento cognitivo inicial. In: Tremblay RE, Boivin M, Peters RDeV, eds. Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância [on-line]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2011:1-5. Disponível em:<http://www.enciclopediacrianca.com/documents/BialystokPRTxp1.pdf>. Acesso em: 09 de jan.2025.

GALEFFI, D. A. Teorias de aprendizagem de segunda língua. Filosofar e Educar, 2003. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13424/13424_4.PDF. Acesso em

10 jan.2025.

GENESEE, F. Aquisição bilíngue. Trad. Wendel Dantas, 2004. Disponível em: <http://www.bilinguismo.org/>. Acesso em: 18 jan.2025.

HARMERS, J.; BLANC, M. Bilinguality and Bilingualism. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

FIORIN, J. L. (Org.). Linguística? Que é isso? São Paulo: Contexto, 2013.

LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In: Bohn, H. I.; Vandresen, P. Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: EDUFSC, 1988, p. 211-236.

SANT´ANA, Débora de Mello Gonçales. Plasticidade neural: as bases neurobiológicas do aprendizado. In: Anais do I Colóquio Nacional Cérebro e Mente, realizado pelo curso de Filosofia da PUC–PR campus Maringá. [s.d.]. Disponível em:< http://www. cascavel. pr. gov. br/arquivos/27062014_plasticidade_neural_-_capitulo_de_livro. pdf>. Acesso em 11 jan.2025.

SILVESTRI, Adriana. Aquisição de linguagem. In: CASTORINA, José A. CARRETERO, Mario. Desenvolvimento cognitivo e educação: os inícios do conhecimento. Vol 1. Porto Alegre: Penso, 2013. P. 227-249.

SCHÜTZ, Richard. O que é talento para Línguas? English Made in Brazil, 2003. Disponível on-line in < http://www.sk.com.br/sk-talen.html>. Acesso em 06 jan.2025.

VIEIRA, Maria Clara. Primeira infância: você sabe o que é?. Crescer. Site da internet, 2016/04, 08 Abr. 2016. Disponível em: https://revistacrescer.globo.com/Primeira-Infancia/noticia/2016/04/primeira-infancia-voce-sabe-o-que-e.html. acesso em: 10 jan.2025.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

_____. Aprendizagem e desenvolvimento na Idade Escolar. In: Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Vigostky, L. Luria, A. Leontiev, A.N. 11ª. Edição. São Paulo: Ícone, 2010, p. 103-116.